

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT20.014](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT20.014)

# A SÍNDROME DE BURNOUT EM DOCENTES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19

**Patrícia Ribeiro Feitosa Lima**

Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP; Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, IFCE campus Fortaleza [patriciafeitosa@ifce.edu.br](mailto:patriciafeitosa@ifce.edu.br)

**Nilson Vieira Pinto**

Doutor em Biotecnologia da Rede Nordeste - RENORBIO pela Universidade Estadual do Ceará, UECE, Docente do IFCE campus Fortaleza [nilsonvieira@ifce.edu.br](mailto:nilsonvieira@ifce.edu.br)

**Raul Aragão Martins**

Doutor em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas - FGV-RJ; Docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP campus São José do Rio Preto, [raul.martins@unesp.br](mailto:raul.martins@unesp.br)

## RESUMO

O estudo teve como objetivo analisar a relação do trabalho de docentes da Educação Profissional e Tecnológica - EPT com a síndrome de burnout, uma doença ocupacional caracterizada como esgotamento profissional, em meio a pandemia da covid-19. Empenhou um olhar atento às demandas específicas dos professores do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - EBTT no serviço público federal, no contexto da pandêmico. Trata-se de um estudo de caso com abordagem exploratória que avaliou 232 docentes distribuídos em 35 campi de um dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, situado na Região Nordeste. Os dados foram coletados a partir da aplicação do questionário Maslach Burnout Inventory (MBI), adaptado e validado no Brasil por Tamayo, (1997), durante o segundo semestre de 2021 e analisados

por estatística descritiva, através do software Statistic Package for the Social Sciences – SPSS (versão 28). Os resultados mostraram que 69% dos docentes apresentaram a Síndrome de Burnout, sendo 31% (72 professores) referentes a categoria “alto”, 38% (88 professores) a categoria “médio” e 31% (72 professores) constituíram o nível “baixo” de Burnout. Este estudo evidencia que a prática docente em meio a pandemia da covid-19, com o advento do trabalho remoto e das alterações consideráveis na rotina da escola e restrições da vida social, caracterizou-se como um expressivo problema na saúde mental relacionado ao trabalho nos docentes da EPT avaliados, o que influencia diretamente na qualidade da atuação profissional e na educação dos seus alunos. Recomendamos o aprofundamento de estudos correlatos, apreendendo os aspectos qualitativos, com vistas nas causas, percepções e sentimentos associados a esta problemática para futuras ações e políticas em prol da saúde no trabalho docente.

**Palavras-chave:** Síndrome de Burnout, Educação Profissional e Tecnológica, Covid-19, Docente.

## INTRODUÇÃO

Iniciamos com a premissa de que dispor de boas condições de saúde física e mental é fundamental para os profissionais que atuam na Educação possam exercer suas atividades. Haja vista que a saúde dos docentes influencia diretamente na qualidade do ensino, das pesquisas que desenvolvem e das pessoas que serão formadas por eles - os docentes. Outrossim, a saúde e a qualidade de vida dos docentes vêm sendo significativamente discutida no âmbito da formação de pesquisadores em educação e em Saúde, com atenção nas dimensões físico, emocional e mental. Tais estudos, certamente demarcarão novos debates, políticas e fazeres indispensáveis, em prol da melhoria da qualidade de vida no trabalho docente e respectivamente na qualidade do ensino no Brasil.

E, por pautar a saúde dos docentes, ressaltamos que, em meio à crise mundial da saúde pública, com o advento da covid-19, anunciada em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde, as populações dos países mais afetados modificaram suas rotinas, especialmente na área da Educação. No Brasil, segundo o Ministério da Saúde, foram registrados 689.000 (seiscentos e oitenta e nove mil) óbitos. Estes dados foram atualizados em 15 de novembro de 2022.

Nesse ínterim, pesquisadores em saúde no âmbito mundial necessitaram empreender celeremente milhares de estudos para mapear as características pelas quais a doença se manifesta e corroborar o enfrentamento eficaz no âmbito farmacológico; assim como as sociedades obrigaram-se a se ajustar às algumas adequações na rotina para um novo modo de viver.

Isto posto, as primeiras ações tomadas para impedir o avanço da doença foram as medidas restritivas de circulação de pessoas, que procederam em dificuldades econômicas e o desenvolvimento de novas configurações de sociabilidade, da vida laboral e da própria sobrevivência. Embora ainda haja muito a conhecer sobre a covid-19, os imunizantes para tal patologia já são realidade e a população brasileira, vem sendo vacinada desde dezembro de 2020.

Retomando a problemática da educação no contexto da pandemia, no Brasil, as instituições escolares em seus vários níveis, foi uma das mais prejudicadas. Houve interrupção das aulas

presenciais, devido ao risco de acelerar a proliferação do novo coronavírus por meio da contaminação da comunidade estudantil, profissionais da educação e familiares. Quarenta e oito milhões de estudantes da Educação Básica em cerca de 180 mil escolas deixaram de frequentar aulas presenciais (INEP, 2020; GRANDISOLI; JACOBI; MARCHINI, 2020).

Novas formas de ensino foram desveladas, principalmente com a ajuda de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) por meio da educação online, ensino remoto, para que não cessassem de prover a formação dos alunos.

Nesse cenário imperioso, adicionado à histórica pressão social sobre a responsabilidade docente em quase todos os aspectos dos processos e resultados da educação brasileira, as condições de saúde dos docentes tornam-se fragilizadas.

Pereira, Santos e Manenti (2020), enfatizam que a pandemia da covid-19 acarreta efeitos maléficos na educação, pois impõe a “reinvenção” do docente, com limitações de recursos e cooptada pelo ensino remoto, apresentando lacunas trabalhistas tais como: a integridade física e mental, a adequada estrutura, e até a formação dos profissionais da educação.

Apesar de a Organização Internacional do Trabalho (OIT) revelar que desde a década de 1980 a classe docente é, no mundo, a segunda categoria profissional a portar maior número de doenças laborais, os estudos sobre a saúde laboral dos docentes são recentes no Brasil. As primeiras pesquisas epidemiológicas iniciaram-se na década de 1990, quando foram identificadas três consequências principais resultantes do adoecimento: 1. Os danos associados à voz, decorrentes do uso intensivo da fala; 2. As implicações osteomusculares associadas à má postura corporal; e 3. Os transtornos de saúde mental devido às configurações não satisfatórias de organização do trabalho (ARAÚJO; MARTINS, 2009).

Tais problemas de saúde são interrelacionados. Em estudo em uma instituição federal de ensino, sobre a saúde e a qualidade de vida no trabalho de seus servidores, Martins (2020) apontou que 3% dos casos de afastamento, do total de docentes em 2018, foram causados por problemas de saúde mental relacionados à depressão, estresse e ansiedade, ocasionando um prejuízo na qualidade

de vida desses servidores e totalizando cerca de 5.000 dias de trabalho perdidos, quando somados todos os dias de afastamentos.

Um estudo aplicado pela agência de análises Harris em 2020, encomendado pela Microsoft, ouviu mais de 6 mil pessoas em 8 países, incluindo o Brasil. Os resultados mostraram que 44% dos brasileiros disseram que a pandemia aumentou o sentimento de exaustão em relação ao trabalho e afirmaram ter a maior sensação da síndrome de burnout. Já, 33% das pessoas que estavam trabalhando remotamente disseram que a falta de separação entre trabalho e vida pessoal estava impactando negativamente o bem-estar pessoal e familiar. Outro fator ressaltado, que se contrapõe ao trabalho remoto, foi a angústia daqueles que impossibilitados de se distanciarem, devido a exercerem trabalho presencial e a preocupação de contraírem a Covid-19 (LAVADO, 2020).

A síndrome de burnout é uma reação de estresse à tensão emocional crônica ocasionada pelo trabalho frequente, responsável e excessivo com outros seres humanos. A responsabilidade profissional que envolve o outro exige uma atenção perene e o cuidado que expia a pessoa a cada ação laboral. O trabalhador se envolve efetivamente com os seus beneficiários ou clientes, e quando há um desgaste extremo, resulta na perda de motivação, chega ao abandono do trabalho e entra em burnout (MASLACH; JACKSON, 1981).

Arraz (2018) considera que a síndrome de burnout é um problema social que prejudica significativamente o mundo de trabalho. Promove danos à saúde dos profissionais, especialmente aqueles que mantêm contato constante com pessoas, surgindo a partir da relação excessiva com esses indivíduos, ocasionando a perda do sentido da relação com a profissão. A maior incidência está nos profissionais das áreas da educação e da saúde.

A síndrome de burnout tem sido considerada como um risco para trabalhadores. Os esforços em exagero no trabalho docente, além de ocasionarem uma deterioração na saúde dos professores, podem acometê-los de graves transtornos físicos e mentais. Deste modo, nota-se que o ensino é visto como um processo complexo e suscetível a desenvolver esta doença, uma vez que implica a realização de atividades diversas e intrincadas, antes e após o momento da aula, dentro e fora da escola, com a necessidade de harmonizar

o convívio num ambiente de multicultural, com colegas, gestores e alunos (RAMÍREZ; ARAIZA; ANAYA, 2017).

Isto posto, as atividades laborais docentes carecem de atenção, sobretudo, quando há ameaça persistente de um vírus letal como o Sars-Cov-2 (covid-19). Por estes apontamentos, duas questões norteadoras orientaram esta pesquisa com os docentes da Educação Profissional e Tecnológica. São estas: 1. Qual o diagnóstico da síndrome de burnout nos docentes do IFCE durante à pandemia da covid-19? 2. Como os docentes percebem a sua saúde na realização do trabalho em meio a pandemia da covid-19?

Este texto tratará de responder à questão 1, portanto tem o objetivo de saber se há esgotamento profissional nos professores da EPT, considerando a síndrome de burnout, uma doença ocupacional que reflete nos altos índices de absenteísmo, baixa autoestima, descompromisso, anseio por férias e problemas nas dimensões física, emocional e laboral que afetam e afastam os professores do gosto pelo trabalho.

## METODOLOGIA

Metodologia é o diálogo epistemológico sobre o caminho do pensamento que o objeto de investigação solicita, com adequação e fundamentação criteriosa pela escolha do método, das técnicas, dos procedimentos e dos instrumentos utilizados para as buscas relacionadas às perguntas do problema. A metodologia suscita a criatividade da pesquisadora para demarcar o seu lugar de fala, articulando os saberes científicos aos achados ou a qualquer outro tipo específico de resposta às indagações pertinentes ao estudo (MINAYO, 2007).

Logo, o aporte teórico-metodológico deste estudo abrigou os descritores: Síndrome de Burnout; Educação Profissional e Tecnológica; Covid-19; e, Docente. A amplitude e profundidade arraigadas no tema em questão expressaram características singulares para a escolha adequada dos instrumentos, técnicas de coleta e de análise dos registros, observando as peculiaridades dos pesquisados e as circunstâncias que intervêm ou se relacionam com o fenômeno numa pesquisa em educação.



Esse estudo é de abordagem mista, que compreende a complementaridade dos aspectos quantitativos e qualitativos (GERHART; SILVEIRA, 2009). Contudo, neste recorte da pesquisa, o texto se apropriou dos registros quantitativos, com análise descritiva associada a interpretação qualitativa. Quanto ao objetivo, a pesquisa é exploratória, sendo um estudo de caso, o caso dos docentes e a sua relação com o trabalho e a saúde. Para Gil (2008), esse tipo de pesquisa busca maior aproximação com o fenômeno, com intenção de torná-lo mais claro e geralmente envolve estudo bibliográfico, entrevistas com pessoas que lidam com o problema pesquisado e análises de dados que propiciam a compreensão.

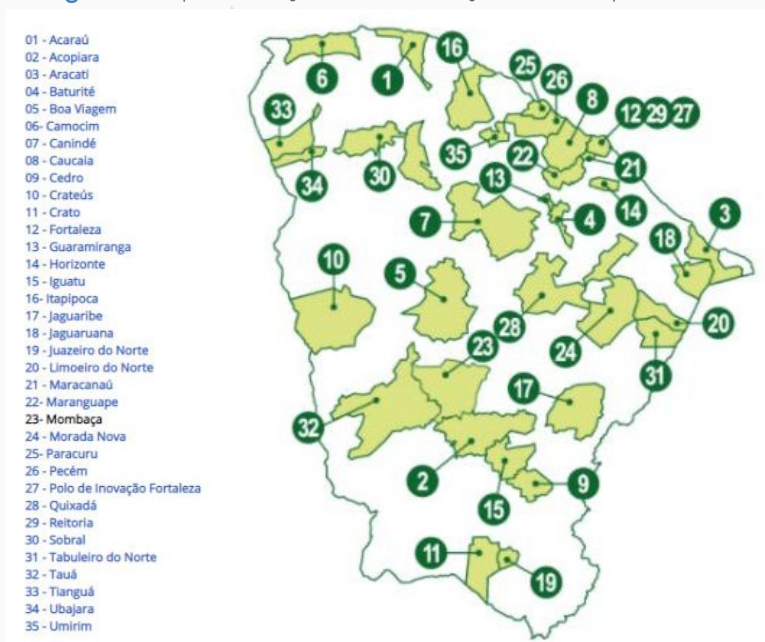
O aprofundamento do estudo e compreensão do fenômeno, tornou-se nosso compromisso de pesquisadores sociais com a comunidade acadêmica, ou com um grupo social. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, foi o *locus* da pesquisa e está inserido na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica do Brasil. O IFCE é constituído por 35 unidades no Ceará, entre polos, campi e reitoria. Tem a missão de produzir, disseminar e aplicar os conhecimentos científicos e tecnológicos na busca de participar integralmente da formação do cidadão, tornando-a mais completa, visando sua total inserção social, política, cultural e ética.

O Instituto Federal do Ceará dispõe de 735 cursos distribuídos no Ceará. A reitoria do IFCE localiza-se em Fortaleza. O quadro de servidores é composto por docentes, técnicos administrativos e trabalhadores terceirizados. O universo do estudo está no corpo docente. São 2.089 professores, dentre os quais 609 são doutores, 1.076 mestres e 285 especialistas, sendo que 1.900 desses docentes atuam em regime de dedicação exclusiva (PLATAFORMA NILO PEÇANHA, 2020). A Figura 1 representa a inserção do IFCE nos municípios do Ceará.

A amostra foi composta por 232 professores. Os critérios de inclusão foram: Docentes ativos (efetivos ou substitutos) do IFCE de uma das 35 unidades; lotados na ministração de disciplinas de cursos regulares; que aceitaram participar da pesquisa, assinando “sim” no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Os critérios de exclusão foram: Professores que estavam afastados oficialmente, por quaisquer motivos no semestre 2021.1; docentes

aposentados; docentes que estavam ativos, mas, não lotados em sala de aula no ensino regular; professores que ocupavam exclusivamente cargo de gestão; professores do IFCE que estavam à disposição de outra instituição; docentes ativos que optaram por não participar do estudo.

Figura 1 – Apresentação da distribuição dos campi do IFCE.



Fonte: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (2020)

O contato com os participantes aconteceu no período de junho de 2021 a abril de 2022, quando aplicamos o questionário Maslach Burnout Inventory (MBI), validado no Brasil em 1997. O MBI verificou três dimensões: A) Exaustão emocional, que se refere ao sentimento de sobrecarga e desgaste emocional; B) A Despersonalização que diz respeito aos sentimentos negativos em relação ao próximo e às atitudes dissimuladas com o outro; e C) A Diminuição da Realização Pessoal que está relacionada com os sentimentos de inadequação pessoal e profissional ao trabalho (MASLACH, JACKSON, 1981).

A versão atual do MBI é composta por 22 perguntas fechadas relacionadas à frequência com que as pessoas vivenciam determinadas situações em seu ambiente de trabalho. Apresenta escala do



tipo Likert, com escala ordinal variando de 1 a 5 (1-nunca, 2-raramente, 3-algumas vezes, 4-frequentemente, 5-sempre).

O MBI foi enviado por e-mail institucional a todos os docentes do IFCE, acompanhado de um questionário pelo Google forms que coletou os dados pessoais, funcionais e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE. Ressalta-se que o acesso ao questionário digital só se deu após a leitura do TCLE e a marcação da opção do participante "(sim) aceito participar da pesquisa". Após respondido o questionário, cada participante recebeu uma via do TCLE por e-mail, já assinado e rubricado pela pesquisadora.

O MBI foi analisado por estatística descritiva, com mensuração e correlação entre as variáveis, por meio do software estatístico *Statistic Package for the Social Sciences - SPSS* (versão 28).

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética do IFCE, delineado conforme a Resolução Nº 510, de 7 de abril de 2016, que dispõe sobre o regimento para pesquisas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais. O estudo foi aprovado sob parecer de Nº 4.743.715, em 29 de maio de 2021.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram desse estudo 232 docentes, com idade média de 42,31 (9,22) anos, sendo 126 (54,3%) do sexo masculino e 106 (45,7%) do sexo feminino, distribuídos em 30 campi do IFCE. Deste total, 58 (25%) são do campus Fortaleza; 13 (5,6%) dos campi Limoeiro do Norte e Maracanaú; 11 (4,7%) dos campi Baturité e Aracati; 10 (4,3%) do campus Juazeiro do Norte; 9 (3,9%) dos campi Canindé, Iguatu e Quixadá; 8 (3,4%) dos campi Sobral, Paracuru, Crateús e Acaraú; 7 (3%) do campus Caucaia, 6 (2,6%) do campus Itapipoca, 5 (2,2%) dos campi Crato e Horizonte; 4 (1,7%) dos campi Ubajara, Tianguá, Morada Nova; 3 (1,3%) dos campi Camocim, Jaguaribe, Tauá e Umirim; 2 (0,9%) dos campi Pecém, Maranguape, Cedro e Acopiara; e 1 (0,4%) dos campi Guaramiranga e Tabuleiro do Norte.

Conferimos que o campus Fortaleza expressou a maior participação no estudo, somando 58 participantes, relativos à 25% da amostra. Já, os campi Guaramiranga e Tabuleiro do Norte, apresentaram o menor índice de participação com apenas 01 docente em cada polo (0,4%). A maioria dos docentes, 98,3%, representa o

vínculo efetivo com carga horária de 40h (227 docentes) e 20h (01 docente). Temos 0,9% como professor substituto (02 docentes) e 0,9% professor com outros vínculos não especificados (02 docentes). Na Tabela 1, verifica-se o número de participantes por campus do IFCE:

**Tabela 1:** Número de participantes por campus do IFCE

Campus do IFCE	Participantes	Percentual de participação (%)
1. Acaraú	8	3,4
2. Acopiara	2	0,9
3. Aracati	11	4,7
4. Baturité	11	4,7
5. Camocim	3	1,3
6. Canindé	9	3,9
7. Caucaia	7	3,0
8. Cedro	2	0,9
9. Crateús	8	3,4
10. Crato	5	2,2
11. Fortaleza	58	25,0
12. Guaramiranga	1	0,4
13. Horizonte	5	2,2
14. Iguatu	9	3,9
15. Itapipoca	6	2,6
16. Jaguaribe	3	1,3
17. Juazeiro do Norte	10	4,3
18. Limoeiro do Norte	13	5,6
19. Maracanaú	13	5,6
20. Maranguape	2	0,9
21. Morada Nova	4	1,7
22. Paracuru	8	3,4
23. Pecém	2	0,9
24. Quixadá	9	3,9
25. Sobral	8	3,4

Campus do IFCE	Participantes	Percentual de participação (%)
26. Tabuleiro do Norte	1	0,4
27. Tauá	3	1,3
28. Tianguá	4	1,7
29. Ubajara	4	1,7
30. Umirim	3	1,3
<b>Total</b>	<b>232</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Da pesquisa (2022)

O grau da síndrome de burnout foi identificado. Maslach (1981, 1986) apud Tamayo (1997), assinala que burnout é detectada como uma variável contínua com níveis “alto”, “moderado” e “baixo”, dependendo da frequência com que se manifestam os sentimentos relacionados com cada fator. Essa síndrome não é considerada como uma variável cartesiana, mas sim como um processo dinâmico de associações das dimensões observadas.

Os resultados mostraram que 160 (69%) dos docentes do IFCE estavam com a síndrome de burnout, sendo que, 72 (31%), estavam na categoria “alto”, os quais expressam de maneira concomitante, altos escores nas dimensões “Exaustão Emocional” e “Despersonalização”, e baixos escores na subescala “Diminuição da Realização Pessoal”, conforme, Maslach (1981, 1986) apud Tamayo (1997).

Arraz (2018) explica que a “Exaustão Emocional” é a componente primordial da síndrome do burnout, tendo como foco a sobrecarga de trabalho que tem consequências físicas e psicológicas para o servidor. Se caracteriza por apatia (que pode ser percebida por outros como insensibilidade), sentimento de esgotamento no trabalho e conflito nas relações interpessoais.

Esse resultado diferencia-se do estudo realizado por Zucão e Souza (2022) que não diagnosticaram a síndrome de burnout em professores na pandemia da covid-19, em uma escola de ensino básico em São José do Rio Preto, SP.

Em estudo bibliográfico levantado sobre a síndrome de burnout em docentes da educação básica, de Rocha et al (2018) apontou que entre 1.497 de docentes avaliados período de janeiro de 2000 a dezembro de 2017, houve a prevalência entre 63,5 e

93% de docentes acometidos, predominando o sexo feminino, com idade média entre 32,2 e 47 anos. As dimensões de burnout com os piores índices foram exaustão emocional e diminuição da realização pessoal.

A dimensão exaustão emocional atingiu maior índice médio em um estudo de Carlotto (2011) sobre a síndrome de burnout, com 190 docentes da educação básica, de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, RS.

Rossato e Cardoso (2017) conferem que as imputações atribuídas aos professores extrapolam as demandas do cargo docente, em grande parte, da carga horária. Além dos trabalhos em sala de aula, a organização e o planejamento, a orientação aos pais e as tarefas administrativas são rotina na vida deste profissional.

Não obstante, Carlotto e Parlazzo (2006), pontuam que o professor é excluído de participar de importantes decisões institucionais, sendo tratado como mero executor de aulas e trabalhos delegados por outros.

Vale lembrar que no contexto dos dados revelados, enquanto professora do ensino básico, técnico e superior desde o início dos anos 2000, tanto no ensino público quanto no privado, observamos que o trabalho docente se caracteriza como um exercício profissional intenso e complexo. Intenso por possuir diariamente obrigações volumosas com curtos e médios prazos para cumpri-las. É complexo, por lidar com a fiel amostra de uma sociedade plural, e com o desafiante conhecimento elaborado diariamente no ambiente de trabalho.

Sabemos que a docência é uma profissão associada a uma necessidade inata de formação continuada para que haja uma razoável atuação profissional. É assumir múltiplos afazeres que transcendem o dia a dia da sala de aula. Os professores têm compromisso com a formação integral do aluno, com a pesquisa, com a extensão, com a avaliação, com avaliação de cursos, com a correção de tarefas, com atividades de interação em sala de aula, com os planejamentos pedagógicos, com as reuniões colegiadas, com a formação continuada deles mesmos, de seus pares, dentre outras atividades.

Em adição, este estudo traz uma análise sobre a ação docente na EPT inserida em um contexto institucional laboral ainda em

consolidação. Investigamos uma instituição de ensino que historicamente promovia com primazia a educação profissional de ensino médio, técnico e tecnológico, mas que hoje se expandiu e agregou a graduação e a pós-graduação, com todas as suas dimensões, podendo citar: acadêmica, histórica, política, econômica e social. Para além dessas circunstâncias, observamos os participantes imersos numa pandemia que ordenou a todos um novo “fazer docente”.

Considerando o contexto pandêmico, quando as atividades remotas foram o meio para o ensino proceder, os docentes enfrentaram o desafio de utilizar bem o ambiente virtual de aprendizagem. Ressaltamos ser mister a necessidade de organização constante a respeito do ambiente adequado para o desenvolvimento do trabalho docente, quer seja presencial ou virtual, com certo apoio tecnológico.

Ante às circunstâncias, o IFCE não interrompeu suas atividades técnicas administrativas, tampouco as do ensino. Paralelamente às atividades corriqueiras, o IFCE pautou-se no cuidado emergencial da comunidade acadêmica, adotando como estratégia a formação do Comitê de Enfrentamento ao Novo Coronavírus. Esse comitê elaborou um documento com o objetivo de fornecer orientações precisas sobre as medidas de prevenção, controle da exposição e transmissão do vírus SARS-CoV-2.

O documento também apresentava diretrizes norteadoras para que os diretores das 35 unidades tomassem decisões necessárias para o retorno seguro e gradual às atividades presenciais dos servidores, profissionais terceirizados e discentes do IFCE (IFCE, 2020).

Considerando as dimensões da síndrome de burnout avaliadas, observamos a “Despersonalização” como o fator associado ao estado psíquico em que o docente apresenta uma dissimulação afetiva.

O docente começa a expressar sentimentos e atitudes indiferentes no ambiente laboral, especialmente com seus alunos. Torna-se irônico, com falas depreciativas, não apresenta interesse no trabalho, nos resultados, nem com a formação dos alunos. Esse comportamento surge como uma resposta aos fatores que o estressam, o que provoca distanciamento por parte dos alunos, que são

os primeiros alvos das ações negativas do professor. (PAGANINI, 2011; ARRAZ, 2018).

“Apresenta-se como uma maneira do profissional se defender da carga emocional derivada do contato direto com o outro. Devido a isso, desencadeiam-se atitudes insensíveis em relação às pessoas nas funções que desempenha, ou seja, o indivíduo cria uma barreira para não permitir a influência dos problemas e sofrimentos alheios em sua vida. O profissional em burnout acaba agindo com cinismo, rigidez ou até mesmo ignorando o sentimento da outra pessoa. (PAGANINI, 2011, P. 36)

A síndrome de burnout principia-se com a sensação de desajuste na função do trabalho e com a impressão de que não há solução para os problemas e desafios a ele vinculados. Por conseguinte, o professor tende a aumentar seu empenho, o que causa maior irritabilidade, fadiga e ansiedade. Para tentar desvencilhar-se desse mal-estar geral, afasta-se afetivamente adotando posturas mais severas, indolentes e depreciativas entre seus colegas de trabalho e alunos. (CARLOTTO, 2011). Relembramos que as dimensões mais expressivas são despersonalização e exaustão emocional.

Verificamos a idade dos docentes como variável significativa na manifestação de burnout, 10,2% dos professores com até 35 anos de idade estão na categoria “baixo”, contra 38,1% entre os que tem 47 anos de idade ou mais. Já, na categoria “alto” 39,0% estão com até 35 anos de idade contra 17,5%, entre os que estão com 47 anos de idade ou mais. Podemos inferir que, quanto maior a idade do docente, menos probabilidade de apresentar o nível “alto” de burnout, e a situação inversa também foi conferida.

No IFCE, os docentes mais jovens, no caso, os mais acometidos por burnout “alto”, certamente se encontram no investimento acentuado da carreira acadêmica, o que repercute em compromissos profissionais e pessoais significativamente intensos, para além do ensino, cursam pós-graduação, a maioria sem afastamento das atividades docentes, assumem cargos de gestão, possuem filhos com idade infantil, estão lotados em campus do interior, o que demanda viagens semanais para capital Fortaleza, onde a maioria que está lotada no interior, faz estadia.



Carlotto (2002) refere-se aos homens mais jovens, abaixo dos 40 anos como alvo fácil de contrair a síndrome de burnout devido as grandes expectativas com a carreira, especialmente, os ingressantes na docência. Os professores mais experientes aparentam maior domínio profissional e se acostumam a lidar com as intempéries típicas da profissão escolhida, não se estressam tanto com os desafios diários do trabalho. Assim, quanto maior a idade do profissional, menores as chances de burnout.

Dos 160 docentes com a síndrome de burnout, 88 professores (38 %) encontravam-se na categoria “médio” de burnout, os quais foram retratados em escores médios nas três subescalas/dimensões: “Exaustão Emocional, Despersonalização e Diminuição da Realização Pessoal”. Essa categoria expressou-se na maior parte dos docentes avaliados.

Outro registro que vale ressaltar é a titulação da amostra e o tempo de serviço. Nota-se que a maioria dos docentes é mestre, atingindo 49,1%. Já, 36,2% são doutores, 8,6% são especialistas, 5,6% são pós-doutores, e, apenas 0,4% é graduado. Destes professores, 61,7% estão entre um e dez anos de serviço, 27,2% entre 11 e 20 anos e 10,45% entre 21 e 39 anos de vínculo institucional.

Outro fator dominante é o tipo de vínculo com o IFCE. A maior parte, 97,8% dos docentes apresentam vínculo institucional efetivo, com carga horária de 40 horas semanais, dedicadas essencialmente a sala de aula. Sendo que 51,8% desses, declararam que ensinam entre 10 e 15 horas, e 36,2%, assumem até 20 horas semanais de ensino. Esta inferência é fortalecida quando 43,5% declararam não possuir carga horária dedicada para as atividades de pesquisa, 47,8% não desempenhar atividades de extensão e 48,3% não ocuparem cargos de gestão.

Todavia, identificamos que 19,8% dedicam de 10 a 20 horas para as atividades de pesquisa e 26,7% para atividades de gestão, neste mesmo espaço temporal. Já, para extensão, apenas 8,1% dos docentes declararam estar envolvidos, dedicando entre 10 e 20 horas semanais.

Consideramos que o contexto do trabalho docente efetivo com 40 horas semanais e dedicação exclusiva, numa instituição de ensino multiníveis como o IFCE, apresenta uma demanda de

empenho institucional, com importante diligência, vindo de todos os setores para o adequado serviço destinado a cada nível de ensino da escola.

O ensino é a atividade predominante, fato destoante dos documentos norteadores nacionais, dos projetos pedagógicos de cursos e dos projetos institucionais, quando se referem ao tripé, os pilares articulados da concepção acadêmica: ensino, pesquisa e extensão, como premissa para uma formação de excelência. Só que 43,5%, dos docentes não fazem pesquisa, 47,8% dos docentes também não são extensionistas, e ainda 47,8%, também não são gestores. Neste sentido, o professor que necessita de pesquisar, fazer extensão, ensinar, capacitar-se, cursar pós-graduação, está ante um desafio decerto desmotivante.

A síndrome de burnout foi identificada como o maior problema em educação, de acordo com Schaufeli et al, em 1994, apud Tamayo (1997). Já, Burke e Greenglass (1989) apud Tamayo (1997), informaram que, quanto mais os dados indicarem estresse na profissão de ensino, certamente afetará a escola enquanto organização, assim como o desempenho e o bem-estar físico e emocional dos docentes.

Rossato e Cardoso (2017) reiteram que a docência é uma profissão que exige dinamismo, constante reinvenção devido as demandas do mundo globalizado. Para que o professor se aproprie das metodologias atualizadas de ensino e atenda às exigências inovadoras do trabalho, ele passa por muitos fatores estressantes, pois além das atividades curriculares, o docente permanece em contato direto com pessoas e com seus problemas, quer sejam pessoais ou não.

Na pandemia da covid-19 observamos significativos desconfortos compartilhados entre os pares docentes, dentre os quais destacamos: medo de adoecimento, angústia, ansiedade, tédio pela ausência do convívio social ou pelo convívio excessivo com a família, sedentarismo, aumento do peso corporal, esgotamento físico e mental, insegurança, instabilidade econômica do País.

Além disso, o adoecimento e morte dos entes queridos, o cansaço das (os) professoras (es) mães/pais de crianças pequenas, sentimentos ambíguos como motivação de alguns e desmotivação de outros para o retorno às aulas, resistência para não retornarem as aulas pelo ensino remoto, especialmente com a justificativa de

exclusão dos discentes mais pobres que não tinham como acompanhar essas atividades.

Detectávamos ainda expressões irônicas, oriundas dos familiares dos alunos, que eram reveladas nas falas das reuniões colegiadas, entoavam que os professores ganhavam sem trabalhar, ficavam em casa, no conforto. Com tais cobranças e a ameaça iminente da covid-19, o ambiente de trabalho tornava-se desarmônico com frequência, nas reuniões virtuais, em meio ao caos sanitário. Certamente, o ambiente de trabalho, mesmo no formato virtual tornou-se tenso, cabia ao professor se reinventar com a necessidade de cumprir suas tarefas, por vezes árduas, que exigiam equilíbrio constante.

O nível “baixo” de burnout (sem burnout), representou por 72 docentes, 31,01% assinalando baixos escores nas subescalas “Exaustão Emocional e Despersonalização”, e altos escores na subescala “Diminuição da Realização Pessoal”.

Paganinni, em 2011, explicou que a síndrome de burnout, no nível baixo correspondia ao surgimento de sintomas esporádicos e no nível alto estaria relacionado à presença diária e constante na vida do professor. Quanto à intensidade, o grau baixo, os sintomas mais comuns são fadiga, irritação, frustração. Já no grau alto de burnout os sintomas ficam próximos de doenças crônicas e psicossomáticas.

É importante destacar que as dimensões utilizadas no instrumento MBI interatuam constantemente na síndrome de burnout, o que caracteriza um processo patológico gradual, sem convulsões ou episódios agudos. Burnout não se percebe nos estágios iniciais, tendo seu início constituído por um período denso, latente, de sofrimento e tensão. A diminuição da realização pessoal é classificada pelo modo negativo como o trabalhador se avalia no exercício da sua profissão. Apresenta baixa autoestima, sentimento de incompetência e de repúdio ao trabalho.

Araújo e Carvalho (2009) advertem que outro aspecto não menos importante, é que a saúde docente, ainda é vista como uma questão secundária nas preocupações do setor da educação, tanto na visão dos gestores, quanto na ótica dos próprios docentes. A cultura de cuidado com o outro, o docente tem dificuldade cuidar de si mesmo, de priorizar o seu bem-estar, especialmente observar

a sua saúde. Os sintomas de adoecimento não são valorizados, somente quando atingem patamares mais severos de doenças. Desta forma, geralmente, o processo saúde/doença dos professores sempre é vivenciado como momento terapêutico individual, um desajuste pessoal.

## CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo analisar a relação do trabalho de docentes da Educação Profissional e Tecnológica – EPT com a síndrome de burnout. Participaram deste estudo 232 docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Os resultados revelaram dados preocupantes para a saúde dos docentes avaliados. Os professores adoeceram em meio à pandemia da Covid-19, e não foi somente de gripe. Quase 70% dos docentes investigados apresentaram a síndrome de burnout nos níveis “alto” e “médio”, estando o nível de acometimento inversamente proporcional a faixa etária.

Aspectos como a titulação, o tempo de serviço e o tipo de vínculo institucional podem ser importantes influenciadores nestes resultados, uma vez que evidenciamos um trabalho intenso desenvolvido essencialmente em sala de aula, não permitindo fôlego para as outras concepções acadêmicas.

Observamos que as patologias advindas do trabalho são diversificadas e multifatoriais. Com o incremento da pandemia da covid-19, seguramente acometeram os servidores, decerto àqueles que assumiram responsabilidades laborais excessivas, sendo em tela, em casa, com familiares, no celular, caracterizando um trabalho extenuante e contínuo.

Por fim, com a prática docente em meio a pandemia da covid-19, com o trabalho remoto, com as alterações consideráveis na rotina da escola e com as restrições da vida social, os docentes apresentaram expressivo dano na saúde mental relacionado ao magistério. Para além de um ambiente adequado, é mister observarmos e fazermos do cenário escolar o ambiente aprazível, sensível, que abrigue os docentes, os seus corpos, e fomenta as suas aptidões, para que a sua saúde seja individual e coletivamente promovida na escola.

Recomendamos o aprofundamento de estudos correlatos, apreendendo os aspectos qualitativos, com vistas nas causas, percepções e sentimentos associados a esta problemática para futuras ações e políticas em prol da saúde no trabalho docente.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Tânia Maria de; MARTINS, Carvalho, Fernando. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. **Educação e Sociedade** [en línea]. 2009, 30 (107), 427-449 [fecha a Consulta 6 de agosto de 2020]. ISSN: 0101-7330. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313702007>.

ARRAZ, Fernando Miranda. A Síndrome de Burnout em Docentes. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 06, Vol. 07, pp. 34-47, Junho de 2018. ISSN:2448-0959.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-no Brasil pelo Ministério da Saúde**. Portal Covid-19. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 15 de novembro de 2022.

CARLOTTO, M. S. A síndrome de Burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n.1. 2002.

CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout em professores: prevalência e fatores associados. **Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]**. 2011, v. 27, n. 4 [Acessado 15 Novembro 2022] , pp. 403-410. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400003>>. Epub 12 Jan 2012. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400003>.

CARLOTTO, Mary Sandra; PALAZZO, Lilian dos Santos. Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22(5):1017-1026, maio, 2006.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T organizadoras. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANDISOLI, E.; JACOBI, P. R.; MARCHINI, S. Pesquisa Educação, Docência e a COVID-19. **USP Cidades Globais, Centro de síntese sediado no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo** (em linea). 2020. Acesso em 4 de agosto de 2020. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pesquisa/projetos-institucionais/usp-cidades-globais/pesquisa-educacao-docencia-e-a-covid-19>

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ - IFCE. **A presença do IFCE no Ceará**. Atualizado em 06/06/2019. Disponível em: <https://ifce.edu.br/acesso-rapido/campi/> Acesso em 23 de novembro de 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ - IFCE. **Plano de Contingência do IFCE diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19)**, 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA- INEP. **Censo escolar 2019**. Resultados e resumos. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos> acesso em 6 de agosto de 2020.

LAVADO, Thiago (Brasil). Harris/Microsoft (org.). **44% dos brasileiros relataram mais burnout durante pandemia: Diz Microsoft**. Diz Microsoft. 2020. Disponível em: <https://exame.com/ciencia/44-dos-brasileiros-relataram-mais-burnout-durante-pandemia-diz-microsoft/>. Acesso em: 25 set. 2020.

MARTINS, R. F. **O contexto da saúde mental no trabalho: um estudo dos servidores de uma instituição de educação profissional e tecnológica**.



2020. 121f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica-ProfEPT) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, 2020.

MASLACH, C., JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. **Journal of Occupational Behavior**, 1981. 2: p.99-113.

MINAYO, M. C. S. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A condição dos professores: recomendação**. Internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores. Genebra: OIT/UNESCO, 1984.

PAGANINI, Daiani Damiani. **Síndrome de Burnout**. 2011. 50 f. Monografia (Especialização) – Curso de Pós-Graduação em Segurança do Trabalho, Pós-Graduação em Segurança do Trabalho, Universidade Extremo Sul Catarinense Unesc, Criciúma, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/1056>. Acesso em: 12 ago. 2021.

PEREIRA, Hortência Pessoa; SANTOS Fábio Viana; MANENTI Mariana Aguiar. Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: Os impactos das atividades remotas. **Boletim de Conjuntura (BOCA)** Ano II, Vol. 3, n. 9, Boa Vista, 2020. **pessoal de enfermagem de dois hospitais públicos**. Dissertação de Mestrado; Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, UNB: Brasília, 1997.

PLATAFORMA NILO PEÇANHA. **Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica** SETEC/MEC. Disponível em <http://plataformanilopecanha.mec.gov.br/2019.html>. Acesso em 24 de novembro de 2020.

RAMÍREZ; ARAIZA; ANAYA, 2017. Síndrome de Burnout em professores. **Revista IE de pesquisa educacional da REDIECH**. Versão on-line ISSN 2448-8550. IE Rev. investig. educ. REDIECH vol.8 no.14 Chihuahua abr. 2017.

ROCHA, Ricelli Endrigo Ruppel; FILHO, Kleber Prado; ALMEIDA, Débora Cunha de, BARBOSA, Eduardo Lopes; PALMERA, Lindomar; BONDAN, Luiz Eduardo; VIDAL, Rafael Gemin; EFING, Ricardo Germano; SOUZA SEGUNDO, Rodolfo Machado; ALBIERO, Sara Rafaely Moreira; PEREGO, Edevan; SOUZA JUNIOR, Gerson Jose Teles de. Prevalência da síndrome de burnout em professores do ensino básico do Brasil: uma revisão de literatura. **Unoesc & Ciência - ACHS Joaçaba, v. 9, n. 1, p. 7-16, jan./jun. 2018.**

ROSSATO, Luciana; CARDOSO, Lucélia Alves de Oliveira. Síndrome de Burnout nos docentes: Identificação e prevenção. **Pesquisa e Ação. V3, N.1: maio de 2017.**

TAMAYO, M. R. **Relação entre a síndrome do Burnout e os valores organizacionais no pessoal de enfermagem de dois hospitais públicos.** Dissertação de Mestrado; Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, UNB: Brasília, 1997.

ZUCÃO, Ana Clara Albertin; SOUZA, Kamila Regina de. **Avaliação da Síndrome de Burnout em alunos e professores da escola estadual Deputado Bady Bassitt durante a pandemia de COVID-19.** 2022. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Unesp, São José do Rio Preto, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/216031?show=full>. Acesso em: 01 out. 2022.